

Artigo

O caráter político-espiritual do movimento de retomada Guarani e Kaiowá: O caso Nova Yvu Vera (Dourados/MS)

Roberto Chaparro

João Edmilson Fabrini

103

Resumo

As retomadas Guarani e Kaiowá são ações dotadas de auto-organização e autonomia que este grupo étnico utiliza enquanto estratégia de luta na busca pelo retorno aos seus territórios espoliados pela colonização no sul de Mato Grosso do Sul, principalmente para expansão do agronegócio. Pautadas em noções de afirmação de práticas e saberes tradicionais, as retomadas se caracterizam por ser um movimento social, espiritual e político. Este trabalho tem por objetivo analisar os aspectos espirituais e políticos presentes na luta da retomada de Nova Yvu Vera, estabelecida em abril de 2023 no município de Dourados-MS. Para isso, além de pesquisa bibliográfica, foram realizadas visitas à retomada para a coleta de dados empíricos, a partir de etnografia e observação participante. Os achados apontam que os elementos espirituais e políticos são fundantes da ação na retomada de Nova Yvu Vera, de forma que as estratégias de luta nela presente seguem os modos tradicionais que pautam as retomadas Guarani e Kaiowá há mais de 40 anos. A política na retomada se direciona para além dos humanos, sendo aplicada também aos demais seres, como animais, plantas, solo e rios, considerados pelos Guarani e Kaiowá como entes essenciais na relação política pela recuperação de seus territórios. Por fim, considera-se a necessidade cada vez mais presente de se realizar um deslocamento epistemológico em direção aos saberes e conhecimentos indígenas utilizados por eles mesmos para explicar sua realidade e lugar no mundo.

Palavras-chave: Luta; Resistência; Colonização; Saber tradicional; Guarani e Kaiowá.

The political-spiritual character of the Guarani and Kaiowá *retomada* movement: The Nova Yvu Vera case (Dourados/MS)

Abstract

The Guarani and Kaiowá *retomadas* are actions endowed with self-organization and autonomy that this ethnic group uses as a strategy of struggle in the search for return to their territories plundered by colonization in the south of Mato Grosso do Sul, mainly for agribusiness expansion. Based on notions of affirmation of traditional practices and knowledge, *retomadas* are characterized by being a social, spiritual, and political movement. This paper aims to analyze the spiritual and political aspects present in the struggle of the *retomada* of Nova Yvu Vera, established in April 2023 in the municipality of Dourados-MS. For this, in addition to bibliographical research, visits were made to the *retomada* for the collection of empirical data, from ethnography, and participant observation. The findings indicate that the spiritual and political elements are founders of the action in the *retomada* of Nova Yvu Vera, so that the strategies of struggle in it follow the traditional ways that guide the Guarani and Kaiowá retakes for more than 40 years. The policy in the *retomada* is directed beyond humans, being also applied to other beings, such as animals, plants, soil, and rivers, considered by the Guarani and Kaiowá as essential entities in the political relationship for the recovery of their territories. Finally, we consider the increasingly present need to carry out an epistemological shift towards indigenous knowledge used by themselves to explain their reality and place in the world.

Keywords: Struggle; Resistance; Colonization; Traditional Knowledge; Guarani and Kaiowá.

El carácter político-espiritual del movimiento de *retomada* Guarani y Kaiowá: El caso Nova Yvu Vera (Dourados/MS)

Resumen

Las *retomadas* Guarani y Kaiowá son acciones dotadas de auto-organización y autonomía que este grupo étnico utiliza como estrategia de lucha en la búsqueda por el retorno a sus territorios expoliados por la colonización en el sur de Mato Grosso del Sur, principalmente para expansión del agronegocio. Pautadas en nociones de afirmación de prácticas y saberes tradicionales, las *retomadas* se caracterizan por ser un movimiento social, espiritual y político. Este trabajo tiene por objetivo analizar los aspectos espirituales y políticos presentes en la lucha de la recuperación de Nova Yvu Vera, establecida en abril de 2023 en el municipio de Dourados-MS. Para ello, además de investigación bibliográfica, se realizaron visitas a la reanudación para la recolección de datos empíricos, a partir de etnografía y observación participante. Los hallazgos apuntan que los elementos espirituales y políticos son fundantes de la acción en la *retomada* de Nova Yvu Vera, de forma que las estrategias de lucha presentes en ella siguen los modos tradicionales que pautan las *retomadas* Guarani y Kaiowá hace más de 40 años. La política en la recuperación se dirige más allá de los humanos, siendo aplicada también a los demás seres, como animales, plantas, suelo y ríos, considerados por los Guarani y Kaiowá como entes esenciales en la relación política por la recuperación

de sus territorios. Por último, se considera la necesidad cada vez más presente de realizar un desplazamiento epistemológico hacia los saberes y conocimientos indígenas utilizados por ellos mismos para explicar su realidad y lugar en el mundo.

Palabras clave: Lucha; Resistencia; Colonización; Saber tradicional; Guarani y Kaiowá.

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar a luta pela terra do povo indígena Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul a partir do movimento de retomada, explorando o aspecto espiritual que lhe é marcante e indissociável, através da retomada Nova Yvu Vera, estabelecida em abril de 2023 no município de Dourados-MS. A espiritualidade que se expressa nas rezas, cantos e danças sagradas presente no movimento de retomada de terra se reveste de um conteúdo político que fortalece as resistências deste povo, num encontro entre a dimensão política e a espiritual. Portanto, trata-se de uma concepção e prática política para além da “política dos modernos”, essa fundamentada na razão iluminista, que se realiza geralmente na esfera da institucionalidade.

Para a abordagem desse tema, pretende-se realizar um percurso reflexivo e expositivo de tópicos centrais para o entendimento do fenômeno estudado, como movimentos sociais, o movimento social indígena brasileiro, a luta pela terra dos Guarani e Kaiowá e as retomadas. Na discussão sobre retomadas busca-se explorar a descrição do movimento, aspectos históricos, suas características e conformação, explorando sobretudo o papel da espiritualidade na luta pela terra, para, por fim, apresentar as nuances práticas presentes na retomada Nova Yvu Vera.

Os aspectos metodológicos que envolvem o trabalho versam sobre um levantamento bibliográfico sobre o tema nas plataformas de indexação científica *Google Scholar* (<https://scholar.google.com/>) e *Scielo* (<https://www.scielo.br/>) a partir das palavras-chave “retomada Guarani e Kaiowá”. Tal revisão de literatura foi realizada através do critério

de revisão narrativa, não se aplicando um procedimento sistemático de seleção dos textos utilizados e nem esgotando as fontes de informação, com abertura para a subjetividade do pesquisador na escolha dos textos lidos e fichados. Junto a revisão narrativa de literatura, aplicou-se a ida a campo para a visita de áreas de retomada em Dourados-MS, utilizando técnicas de etnografia, observação participante e entrevistas para a coleta de dados e formação de uma base empírica que sustente a concepção de que as lutas e resistências indígenas são alimentadas por rituais espirituais representados pelas rezas, danças e cantos sagrados.

1. Movimento Social e Movimento Indígena Brasileiro

Parte-se da compreensão de Movimento Social enquanto um fenômeno que se faz presente nos mais variados setores da sociedade. Assim, para Gohn (1997) os movimentos sociais se colocam como alternativa e proposta possível para mudanças no tecido social, sendo marcado por se colocar contra as ordens dominantes. Chauí (1988) entende o movimento social a partir de suas nuances populares, sendo uma fonte de informação e conhecimento político que se faz através da ação e do movimento, não podendo ser compreendido sem o aspecto prático que ele mobiliza.

Desse modo, os movimentos sociais se colocam como uma alternativa de fazer política para além dos moldes jurídico-administrativos modernos pautados no Estado e seus regimentos, indo além da institucionalidade e fazendo surgir novos sujeitos políticos (Sader, 1988). Posto isso, os povos indígenas se colocam como parte destes sujeitos políticos, de modo que hoje o movimento indígena é um dos segmentos sociais mais atuantes no Brasil. Cruz (2017) salienta que os processos de resistência e de lutas por direitos dos povos indígenas ocorrem desde a invasão europeia à Pindorama, de modo que não é possível considerar os indígenas como passivos dos processos históricos e sociais no Brasil.

Contudo, é a partir da década de 1970, com fortalecimento na década de 1980, que a resistência indígena surge como movimento organizado e com abrangência e articulação nacional. Guiados por pautas como a demarcação de seus territórios, povos indígenas de diversos estados do Brasil, em todas as regiões, começaram a se articular em assembleias e encontros, estabelecendo novos rumos para as decisões políticas que os envolviam e marcando definitivamente a entrada dos povos indígenas na política do país (Brighenti, 2015; Cruz, 2017).

Diante do novo momento que o movimento indígena passa a ocupar na política nacional a partir da década de 1980, Daniel Munduruku (2012, p. 195) aponta que “o movimento indígena surge como uma resposta dos povos indígenas a lógica da destruição orquestrada pelo governo militar”. Esse novo momento faz com que estes povos passem a pensar as políticas de seu usufruto de forma ativa, abrindo caminho para desgarrar-se da tutela do Estado (Cruz, 2017). Derivando desta “nova consciência étnica e política”, começam a surgir diversas lideranças indígenas com voz e papel político importante pelo país, principalmente na década de 1980, o que faz com que o movimento indígena chegue na década de 1990 em um novo patamar na sua relação com o Estado, deixando de lado o regime de tutela (que cai com a Constituinte de 1988) e ampliando e fortalecendo o movimento indígena organizado com o surgimento de associações e organizações por todo o país (Munduruku, 2012, p. 220; Cruz, 2017).

2. Retomadas Guarani e Kaiowá como movimento social indígena

Em Mato Grosso do Sul, o movimento indígena não foi indiferente às transformações de participação e atuação política que ocorriam em escala nacional conforme visto no tópico anterior. Assim, a luta pela terra dos Guarani e Kaiowá por meio das retomadas no estado se dá a partir da década de 1970 (Colman; Pereira, 2020; Pereira, 2003; Alziro; Monfort, 2021). Até então, diante do violento processo de esbulho e espoliação de seus

territórios, muitas famílias viviam o esparramo – termo atribuído à desestruturação socioespacial desse grupo que teve sua organização social tradicional destruída com o processo de colonização –, habitando para além das reservas indígenas criadas pelo Estado nas décadas de 1910 e 1920, nos fundos de fazendas ou em áreas de mata ainda não derubadas (Benites, 2012; Mota, 2012).

Contudo, com o avanço do agronegócio nas décadas de 1970 e 1980 no estado, os poucos grupos que ainda viviam em áreas de mata foram confinados nas reservas indígenas, que passaram a se tornar um espaço totalmente contrário aos preceitos de organização social e de experiência de vida dos Guarani e Kaiowá, se tornando superlotadas e não respeitando sua organização social tradicional, misturando grupos e famílias distintas dentro dos breves limites das reservas (Seraguza, 2018; Colman; Pereira, 2020).

Perante tal contexto, os Guarani e Kaiowá se veem na necessidade de voltar aos seus territórios tradicionais perdidos com o avanço da civilização não indígena. As primeiras retomadas datam do final da década de 1970 e início da década de 1980 (Benites, 2012; Crespe, 2015). O antropólogo Levi Marques Pereira (2003) estudou uma das primeiras ações de retomada Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul, a do *Tekoha* Pirakuá, em 1985. À época, os indígenas do território em disputa com um fazendeiro colono, após mobilização interna e obtenção de apoio externo em outras comunidades do estado, pressionaram a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) na busca pela demarcação do espaço e a conseqüentemente volta para aquele que era considerado um território indígena. Dada a morosidade do Estado e falta de vontade política para mudar a situação, somada às ameaças constantes partindo de fazendeiros e pistoleiros, os Guarani e Kaiowá “resolveram agir por conta própria”, retornando ao território e por lá se estabelecendo mesmo sem a demarcação (Pereira, 2003, p. 139).

Após a mobilização, o território foi reconhecido e demarcado, com os Guarani e Kaiowá podendo voltar ao *Tekoha* em Pirakuá. Com essa ação bem sucedida diversas outras comunidades que se viram expulsas de seus territórios também se voltaram para a organização e mobilização das retomadas tradicionais. Pereira (2003, p. 140) observa que

o ocorrido em Pirakuá “serviu como um paradigma para comunidades que enfrentam problemas análogos, inaugurando uma nova fase na relação dos Guarani com os fazendeiros que com eles disputam a posse das terras” e com o Estado. A partir disso, as ações de retomada se intensificam em Mato Grosso do Sul a partir da década de 1990, de modo que os Guarani e Kaiowá reconquistaram territórios como Jaguapiré, Guasuty, Jarará, Cerrito, Paraguassu e Sete Cerros, o que inspirou e mobilizou outras comunidades a reivindicar a volta a seus *Tekohas* através das retomadas (Benites, 2012; Pereira, 2003).

Pereira (2003, p. 141-142) considera as retomadas como movimentos sociais, uma vez que as comunidades indígenas que delas participam apresentam a consciência da participação comum na luta estabelecida contra o poder hegemônico e as mazelas e violências da colonização e da colonialidade. Assim, o movimento social das retomadas se estabelece a partir da união de diversas comunidades em volta de um problema comum: a perda de suas terras e a impossibilidade de manter e reproduzir seus modos de vida a partir de seus princípios cosmológicos.

Atualmente o movimento das retomadas continua ativo e em luta constante pela volta de seus territórios tradicionais que ainda não foram devolvidos. Souza e Mizusaki (2022), interpretando o movimento indígena na perspectiva da questão agrária, identificaram 141 ações de retomadas protagonizadas pelos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul entre 2004 e 2018, sendo que somente em 2013 foram realizadas 30 ações dessa natureza. Em 2012, segundo Mota (2012) existiam 35 acampamentos de retomada espalhados pelo estado, enquanto oito anos depois, Mondardo (2020) apontou a presença de cerca de 40 destas ações. Em Dourados-MS, município que abriga a maior população de indígenas Guarani e Kaiowá do Mato Grosso do Sul, em agosto de 2023 foi possível identificar a presença de ao menos 14 destes acampamentos de retomadas, sendo eles denominados de Avae'te 1, Avae'te 2, Ñu vera 1, Ñu vera 2, Ñu vera Guasu, Aratikuty, Bolqueirão, Yvu Vera, Jaychapyry, Yvy rory poty, Ñu porã, Apyka`i, Pacurity e Nova Yvu Vera (Dourado, 2023).

3. A relação dos Guarani e Kaiowá com os seus territórios (Tekoha)

Para os Guarani e Kaiowá o território está intimamente vinculado às condições de um bem-viver, uma vez que é em seus territórios que praticam o seu modo de vida. Os Territórios Tradicionais¹ deste povo abrigam os *jaras*, espíritos e entidades protetoras que se fazem presentes nos elementos naturais como rios, plantas, árvores, rochas, montanhas e animais. Os *jaras* são os responsáveis pela proteção de todos os seres que habitam o território, bem como pelo estabelecimento e manutenção das bênçãos que permitem o regimento da ordem social-espiritual dos Guarani e Kaiowá, vivendo a partir do *ñande reko*², pautado em princípios como o *teko porã*³, *teko mangaratu*⁴ e *teko pavẽ*⁵.

Nesta intrínseca relação de um território funcional (que garante a sobrevivência e reprodução do povo) e também simbólico (que representa a garantia não só da vida física, mas também de elementos que a tornem bem vivida, dentro dos preceitos Guarani e Kaiowá) os elementos vistos como não-humanos por não-indígenas, tais como os *jaras*, assumem um papel importante na territorialidade. Eles podem ser compreendidos como seres que culminam tanto em situações boas, como em situações ruins e “estabelecem relações de cuidado, harmonia e equilíbrio na floresta, mas há também os que levam doenças e coisas ruins caso não se respeite as espécies e lugares que estão sob seu cuidado” (Alziro; Monfort, 2021, p. 592). Estas entidades habitam todo o cosmos, sendo as responsáveis pela manutenção de uma relação de bons preceitos com o território e seus elementos naturais, bem como com as divindades.

¹ Autores diversos, dentre os quais destacam-se Almeida (2004), Brandão (2014), Diegues (2000), dentre outros citados no texto, visualizam virtude na tradição e seus territórios. O conceito hegemônico de tradição expressa um conteúdo de resistência dos “povos tradicionais”, como é o caso da resistência à imposição das relações dominadas pelo agronegócio, por exemplo. Nessa perspectiva, tradição não é o passado simplesmente, mas um presente e futuro que se ergue a partir de relações e saberes tradicionais. No entanto, é possível observar que a tradição, para além de virtude, está carregada também de um conteúdo conservador. Nesse sentido, tradição deve ser pensada na perspectiva da Contradição em que pressupõe resistência em alguns aspectos, e conservadorismo em outros.

² O modo de ser e viver dos Guarani e Kaiowá (Mota, 2015).

³ Viver em harmonia; modo correto de viver, modo de ser Guarani e Kaiowá em conformidade com os preceitos ideais (Mota, 2015).

⁴ Viver bem, jeito sagrado de ser Guarani e Kaiowá, vivido através da coletividade e respeito a todos os seres.

⁵ Viver em coletividade, ocupando o mundo sem pensar na individualidade como centro. Leva ao *Teko Mangaratu*.

Assim, o território Guarani e Kaiowá pode ser compreendido a partir de Alziro e Monfort (2021, p. 595) como um pluriverso, composto da relação, entrelaçamento e afeição de diversos elementos, com “múltiplas relações socioterritoriais”, a partir da figura de animais, elementos da flora, rios e elementos do relevo e do solo, que, em uma espécie de simbiose se organizam de modo que cada elemento se manifeste e usufrua do território à sua maneira, contudo, sem se sobressair aos outros elementos. Os mesmos autores citados apontam que é esta dinâmica de relações que foi deteriorada com o avanço do modo de vida e ocupação do espaço *karai* (branco) e capitalista.

Desse modo, para os Guarani e Kaiowá a forma de reprodução de seus costumes e modo de ser tradicional está relacionada com a manutenção e preservação de seus territórios e dos entes sagrados que nele habitam e o constituem. Estes povos creem que a destruição da flora (através do desmatamento para a implementação das grandes lavouras e plantações do agronegócio), da fauna (mortos, expulsos, caçados, impedidos de reprodução com o fim das matas), dos rios (poluídos com agrotóxicos das lavouras que são levados pela água da chuva,⁶ assoreados devido ao mau uso do solo, ou poluídos com lixo urbano) e do ar (através da fumaça que saem das grandes usinas/indústrias, da fumaça de queimadas ou através da fumaça tóxica proveniente dos agrotóxicos pulverizados com aviões monomotores nas grandes plantações) afugentam os *jara* dos seus territórios sagrados.

Para eles, o território é, antes de tudo, o espaço onde se pode ser Guarani e Kaiowá no mais puro estado e em que se exerce o *teko porã* e *teko mangaratu* a partir do bem-viver entre humanos e outros seres que habitam o cosmos. Benites (2012) define o território tradicional do seu povo como *Tekoha*, sendo na visão tradicional delimitado pelo domínio de uma família extensa e etimologicamente formado a partir da junção de *Teko* – o modo de ser Guarani e Kaiowá – com *ha* – espaço sagrado em que se vive de forma tradicional. Desse modo, o *Tekoha* é o espaço em que se é Guarani e Kaiowá.

⁶ Levantamento da Embrapa acusou a presença de 33 agrotóxicos somente no Rio Dourados, em 2022. Ver mais em: <<https://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/unico-rio-analisado-em-ms-tem-33-tipos-de-agrotoxicos>>.

Assim, o movimento de retomada se caracteriza pela busca do reestabelecimento social-espiritual do equilíbrio de seus *Tekoha* dentro da cosmovisão Guarani e Kaiowá. As retomadas, são, sobretudo, uma luta pela manutenção de suas cosmovisões e modos de vida tradicional presentes com esse povo desde antes da invasão europeia à *Abya Yala*.

Antes do violento processo de desestruturação do tecido social Guarani e Kaiowá através do processo de expansão da produção agrícola em Mato Grosso do Sul, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, os Guarani e Kaiowá mantinham uma rede sócio-política-espiritual a qual denominam de *Tekoha Guasu*. Sendo o *Tekoha* onde se pode ser Guarani e Kaiowá dentro dos costumes, Benites (2012, p. 166) salienta que o *Tekoha Guasu* “poderia ser entendido então como uma rede de *Tekohas* que inclui diversos espaços compartilhados de caça, de pesca, de coleta, de habitação, de ritual religioso e festivo, constituindo-se como o palco das relações intercomunitárias”. Com isso, esse espaço se definia a partir de uma rede de alianças políticas entre comunidades e famílias.

O *Tekoha Guasu* era habitado por vegetação nativa – Cerrado e Mata Atlântica – que abrigava uma diversa fauna e flora, com as quais coabitavam os Guarani e Kaiowá. No *Tekoha Guasu* se encontravam uma variedade de árvores – entre elas o Pé de Cedro, sagrado para este grupo –, bem como plantas, ervas e raízes, muitas delas utilizadas como medicina tradicional. Esta grande área de vegetação ganha o nome de *Ka’aguy rusu* (mata grande ou grande floresta), tempo-espaço que habita o presente dos Guarani e Kaiowá como um desejo de retorno (Alziro; Monfort, 2021).

4. A caracterização das retomadas

Desde as primeiras retomadas, ainda na década de 1970, elas se caracterizam por ser um movimento social e político atravessado e constituído pela espiritualidade. Benites (2012) aponta que em 1979, durante o primeiro grande ritual religioso de cantos e

rezas (*Jeroky Guasu*) e da grande assembleia político-espiritual dos Guarani e Kaiowá (*Aty Guasu*) que definiram a necessidade da mobilização em retomar as terras perdidas, as rezas e a espiritualidade tradicional foram estabelecidas como pilares para as práticas de retomada.

Essencialmente, as retomadas podem ser definidas a partir de suas características de auto-organização e autonomia, tanto nas tomadas de decisões acerca das áreas a serem retomadas, quanto na efetivação das ações. Tal movimento ainda é marcado por noções de coletividade e solidariedade, bem como só pode ser realizado a partir do fortalecimento espiritual dos seus participantes através dos cantos e rezas tradicionais (*ñembo'e*). As retomadas também são marcadas pela participação e inserção de agentes políticos vistos como não-humanos por não-indígenas, como os *jaras*, fauna e flora, bem como os antepassados – todos os parentes indígenas ancestrais que já habitaram o *Tekoha* de forma física e atualmente o habitam em outros planos (Alziro; Monfort, 2021).

A intermediação entre seres humanos e os demais seres que habitam o território se dá através dos rezadores, *Ñanderu* e *Ñandesy*. Assim, nas retomadas são esses sujeitos “que fazem a interlocução com os outros seres que integram o cosmos, como os *jara*, os donos dos diversos patamares que compõe a existência Guarani, para que a “entrada”, o ato de “retomar”, e a permanência na terra a ser “retomada” seja exitosa” (Seraguza, 2018, p. 226). Seraguza (2018, p. 237) indica ainda o aspecto de negociação política interplanos que está presente na retomada, em que os sujeitos participantes solicitam aos entes de outros planos proteção e bênçãos na empreitada, de modo que “rezas e cantos são entoados numa negociação cósmica”.

Além da participação na negociação política com os seres de outros planos, os rezadores precisam também ter capacidade de articulação política entre os sujeitos do *Tekoha*, conseguindo reunir e mobilizar pessoas. Os rezadores, dessa forma, representam um elo importante na ação das retomadas, uma vez que precisam sustentar a luta através das rezas e cantos, fortalecendo os sujeitos que participam e nutrindo a noção de proteção e esperança de alcançar o objetivo final. Assim, trata-se de um movimento

de conquista através da reza e do canto tradicional, de forma que o poder desse aspecto nas lutas de retomadas é tão expressivo que no caso da retomada de Sete Cerros realizada em 1991, por exemplo, os Guarani e Kaiowá rezaram por seis meses se preparando para a ação (Colman, 2007 *apud*, Colman; Pereira, 2020).

O momento de efetivação de uma retomada “é marcado por muita efervescência política e ritual”, de modo que as parentelas se unem para contemplar a nova possibilidade que surge diante do retorno a um dos *Tekohas* tradicionais (Colman; Pereira, 2020, p. 71). Posto isso, observa-se que o ato da retomada “implica na ativação e/ou atualização de vários processos de produção de coletivos, de acordo com os modos próprios de organização social, com base no parentesco e na aliança política” (Colman; Pereira, 2020, p. 72).

Conforme salienta Mota (2015), a luta das retomadas é a luta pela volta daquilo que já se viveu e da vida que um dia se teve, com sua organização espacial e social própria e respeitando seus costumes e saberes tradicionais e ancestrais. A autora pontua que é uma luta pelo retorno à vida junto às matas, aos animais, onde se pode exercer o *teko porã* e *teko mangaratu* no território que para o Guarani é “onde se encontra a terra boa e farta e estão os deuses que regulam o modo de vida desses povos, e que esses povos devem pedir permissão para caçar, coletar, plantar” (Mota, 2015, p. 426). Deste modo as retomadas são as formas possíveis que estes povos encontram para efetivar a luta e a busca pelo resgate do direito de viver e existir enquanto grupo, com seus saberes, práticas, modo de vida e organização (Mota, 2012).

Nessa direção, o movimento tem na sua essência não a recuperação da terra por si só – enquanto matéria ou mercadoria –, mas sim das relações sociais que só são possíveis para os Guarani e Kaiowá em um território estabelecido conforme os preceitos de bem-viver deste grupo. Com isso, dentro da complexidade que envolve as retomadas e a partir da cosmopolítica dos Guarani e Kaiowá vê-se que o que se busca com o movimento é “a possibilidade de vivenciar os conhecimentos, os bons modos de vidas, os cuidados com as pessoas, e principalmente, a relação com as plantas, os animais [...] e as próprias

relações estabelecidas com estas divindades” (Seraguza, 2018, p. 227). Assim, ocupar os territórios em que seus antepassados viveram se torna a condição para se garantir um futuro em que haja o bem-viver (Zotti; Acçolini, 2019).

Ao se retomar um território se possibilita a volta de “práticas coletivas de restauração dos sistemas socioecológicos, dos conhecimentos tradicionais e de reflorestamento diante dos solos devastados pelo agronegócio na região” (Alziro; Monfort, 2021, p. 606). Nesse sentido, destaca-se a necessidade de trazer de volta a presença dos guardiões das matas, os *jaras* da floresta, ou *ka’aguy jara*.

Essa luta e atuação pela recuperação do modo de vida e organização social molestada pelo avanço capitalista sobre suas terras pode ser representado pela **Imagem 1** que segue abaixo, retirada do documentário *Martírio* (2016). A liderança da retomada Pa-kurikã, em Dourados-MS, caminha sobre a plantação de soja e em um momento pode ser visto sua barraca e sua plantação de banana e mandioca feita sobre a plantação de soja da área retomada. Na fala do narrador, pode-se ouvir: “a plantação de Bonifácio [liderança] é o próprio cenário da resistência: a banana e a mandioca dos índios contra a soja do agronegócio”. Um didático exemplo da resistência dos modos de vida Guarani e Kaiowá diante do capital do agronegócio.

Imagem 1 – Fragmento do Filme “Martírio” (2016).



Fonte: Cena do filme “Martírio” (2016).

À vista disso, as retomadas também podem ser entendidas a partir da expressão Guarani *Tekoharã*, que representa a possibilidade de se retomar o modo de ser tradicional e de se poder viver no futuro o *teko porã* no *Tekoha* tal como os ancestrais viveram (Crespe, 2015). Assim, no *Tekoharã* se busca reorganizar o território, reestabelecendo a ordem espacial e social a partir dos preceitos e da cosmovisão dos Guarani e Kaiowá.

Crespe (2015) salienta ainda que este espaço representa o renascimento dos *Tekohas* um dia habitados e que foram espoliados. Com isso, as retomadas apontam para que seus territórios voltem a ser ocupados de modo tradicional mesmo que possam “ser no futuro porque já existiu no passado assim como existe no presente através da memória das pessoas mais velhas” (Crespe, 2015, p. 165). Desse modo, a utilização do termo *Tekoharã* aponta para a possibilidade de voltar aos modos tradicionais de organização e ocupação dos seus territórios dentro das possibilidades após o contato com os *karai* e as transformações espaciais que elas acarretaram (Mota, 2012).

O processo de organização e efetivação das retomadas, portanto, é pautado em saberes e práticas coletivas e tradicionais do povo Guarani e Kaiowá. Benites (2012, p. 168) acentua que dois grandes momentos que a sucedem são os *Jeroky Guasu* e as *Aty Guasu*, sendo “fundamentais para os líderes políticos e religiosos se envolverem nos processos de reocupação de seus territórios tradicionais específicos”. *Jeroky Guasu* é uma grande cerimônia religiosa liderada pelos rezadores que em contato com as entidades sagradas (*ñanderungusuhyapua*) e com os guardiões (*ñanderyke’yoveravavyjara*) solicitam apoio e proteção na empreitada de recuperação do território. O autor salienta que estes encontros emergiram de forma mais assídua a partir da década de 1970, sendo “nestes contextos de rituais que emerge a força para lutar e que se elaboram as táticas e as estratégias para reocupar os territórios tradicionais perdidos” (Benites, 2012, p. 168-169).

Já as *Aty Guasu* podem ser traduzidas como grandes assembleias políticas em que diversas comunidades e grupos familiares se reúnem para pensar e articular as necessidades e ações políticas do grupo. Nestes encontros também é crucial a participação dos

rezadores, que conforme expõe Benites (2012, p. 169), possuem atuação fundamental de modo que seus saberes “foram e são sempre vitais nos processos de reocupação de parte dos territórios tradicionais. Tal ação se dá através dos rituais religiosos (*jeroky*) realizados por eles”.

São nesses dois grandes encontros político-espirituais que são traçadas as táticas e planos de atuação dos Guarani e Kaiowá em suas próximas retomadas. Benites (2014) assinala que *Jeike Jey* é a expressão que define a ação direta Guarani e Kaiowá, formulada através da junção de *Jeike*, que tem como significado no português palavras como entrar, afrontar, ocupar e enfrentar, e *Jey*, que traz o sentido de repetição, de fazer uma ação mais uma vez. Essa ação é colocada como uma reação a perda de seus territórios de forma violenta, diante da desestruturação das sociedades e modos de vida Kaiowá.

Dessa forma, *Jeike Jey* é sempre o resultado da articulação política e da luta religiosa de lideranças das famílias extensas para retornar aos seus antigos espaços territoriais. *Jeike Jey* envolve os líderes políticos e religiosos que participam dos grandes rituais religiosos e que são fundamentais para efetivar o processo de reocupação e retomada dos territórios perdidos. *Jeike Jey* também é visto como uma forma de resistência contra as violências dos fazendeiros, uma atuação permanente e insistente através da ação dos *ñanderu* durante os rituais religiosos. A ação dos líderes religiosos é vista como uma técnica de luta ou de guerra para que os indígenas tenham êxito nos processos de enfrentamento com os pistoleiros das fazendas, sobretudo no momento de entrada e retomada dos territórios tradicionais (Benites, 2014, p. 233).

Tais ações exigem dos sujeitos que delas participam aspectos de solidariedade e coletividade expressos no *ñomoiru ha pytyvõ*, que pode ser entendido por articulação, ação em grupo ou exercer companheirismo. Outra importante ação que deve estar presente em um momento de retomada é o *Pytyvõ* que representa ser prestativo, cooperar e encorajar os parentes que também estão no movimento (Benites, 2012).

Diante de tais atributos e postura que se exigem dos indivíduos que se colocam nas linhas de frente, a participação dos rezadores nas ações de retomada é fundamental. A equipe que vai na linha de frente é composta por todas as famílias extensas do *Tekoha*

que realiza a ação, com a participação de crianças, mulheres e idosos, além dos homens. Benites (2012, p. 171) observa que desse modo “a equipe de frente que coordena a reocupação de um território é sempre composta por rezadores e rezadoras, seus auxiliares, lideranças políticas, idosos e crianças”.

Outro aspecto que circunda os movimentos de retomada é a preparação prévia que os participantes precisam realizar, na busca por proteção e boa sorte na luta. Desse modo:

Dos integrantes dessa equipe de frente é exigida a participação permanente nos rituais religiosos durante vários meses. Esses rituais têm por objetivo principal proteger e preparar os envolvidos na reocupação para que elas mantenham bom contato com os seres invisíveis e os guardiões do tekoha abandonado, uma vez que eles irão manter novamente contatos com os seres visíveis e invisíveis existentes no lugar. Por isso, de quatro a cinco dias antes da efetivação da retomada todos os integrantes da equipe de frente devem obrigatoriamente participar do ritual religioso (jeryoky) por um período de três ou quatro noites realizados em frente do altar sagrado (yvyra’i Marangatu), molhando o centro da cabeça com água (yary) feita com a casca e folha do cedro, planta nativa sagrada para os Guarani-Kaiowá. Esta cerimônia religiosa de batismo (mongarai) serve para que os batizados sejam reconhecidos pelos seus antepassados e para que eles se protejam dos seres invisíveis e dos guardiões maléficos existentes no lugar. Na última noite, antes do grupo se deslocar em direção da área a ser retomada, os membros da equipe de frente devem se pintar ou tingir parte do corpo e do rosto de urucum (yruku). Pelo respeito e honra de seus antepassados, todos os homens devem segurar com força o arco e flecha e o porrete tingido (yvyra para) e jurar a reocupação do tekoha antigo. Durante as noites, normalmente durante toda a madrugada, os rezadores movimentam seus chocalhos (mbaracá) e as mulheres batem lentamente seus takuapu, um pedaço do caule de taquara. Depois de quatro ou cinco dias de reza, na última noite, o rezador faz um discurso final no qual autoriza a partida dos envolvidos na reocupação da terra, dando orientações importantes para o êxito da empreitada (Benites, 2014, p. 235).

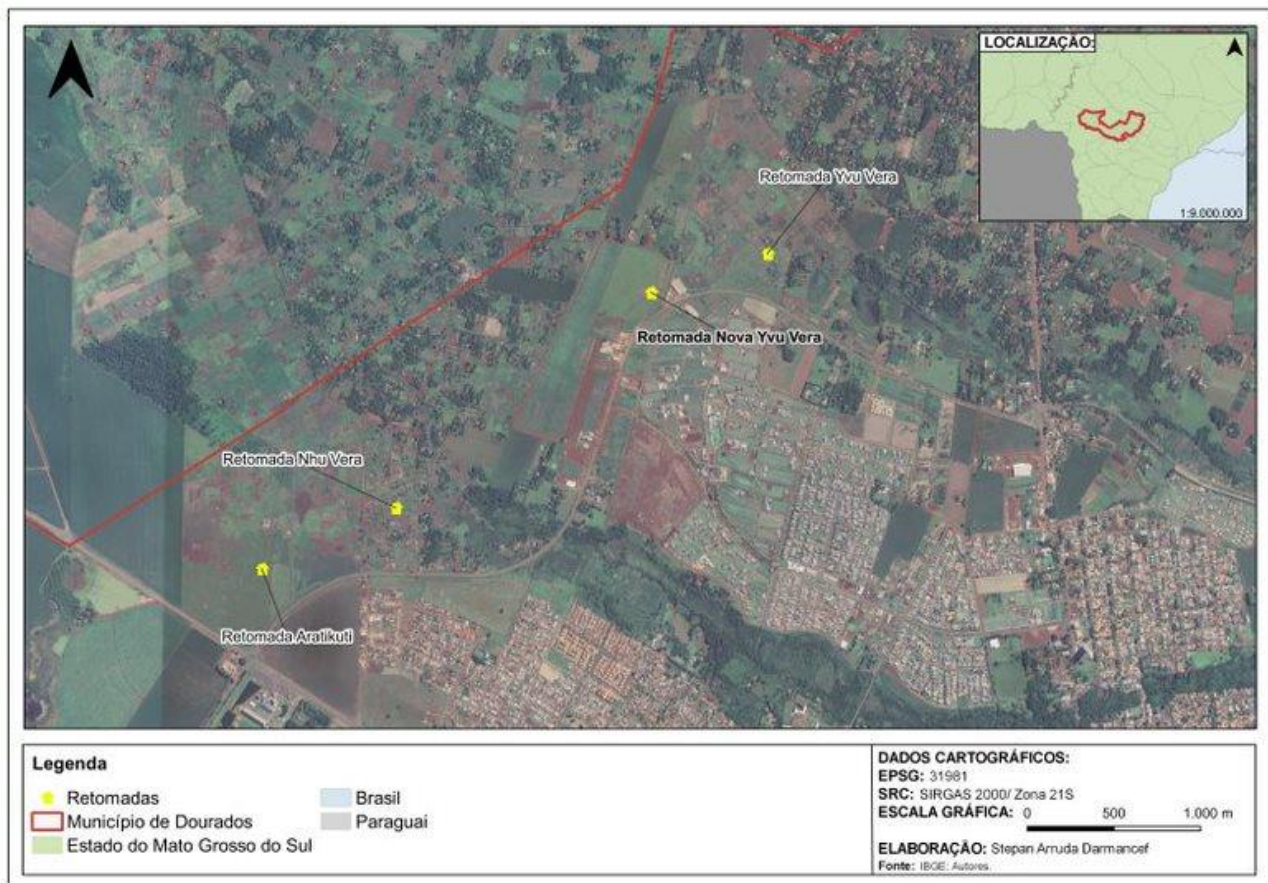
Após o período de preparação, na última noite do ritual religioso o grupo sai em marcha, sempre durante a madrugada, em direção do *Tekoha* ao qual será estabelecida a

retomada. Aqueles que seguem nesta empreitada levam consigo pertences pessoais, alimentos, lonas e ferramentas para a montagem do acampamento, bem como símbolos sagrados para proteção (Benites, 2012).

Logo após retomar uma área os integrantes iniciam a busca por alimentos, mantimentos e a construção de abrigos necessários para a subsistência do grupo (Benites, 2012). Entre as primeiras ações realizadas ao se estabelecer no território retomado está o levantamento de um altar sagrado, de modo que as rezas sejam feitas no espaço retomado e sirvam de comunicação com os *jaras* e espíritos dos ancestrais sobre o retorno dos Guarani e Kaiowá ao *Tekoha* (Benites, 2014). Assim, em todas as áreas de retomada “é construído um altar sagrado (*yvyra’i Marangatu*) pelos rezadores Guarani e Kaiowá onde é realizado com frequência rituais religiosos (*Jeroky*) e assembleias (*Aty Guasu*)” (Benites, 2014, p. 236).

5. A retomada Nova Yvu Vera em Dourados/MS

A área de retomada Nova Yvu Vera está situada à 5 Km do núcleo urbano de Dourados, às margens do Anel Viário Norte (faixa de rodovia que interliga a MS-162 com a MS-156) e é reivindicada como Terra Indígena, cuja demarcação está paralisada. A área já foi reocupada várias vezes pelos indígenas que vivem nos arredores da Reserva Indígena de Dourados criada em 1917, e que abriga hoje aproximadamente 13.473 pessoas (IBGE, 2023). No **Mapa 1**, abaixo, pode se observar a localização da retomada Nova Yvu Vera, bem como outras áreas que a circunvizinham.

Mapa 1 – Localização da retomada Nova Yvu Vera, em Dourados/MS.

Fonte: IBGE; Autores. Elaboração: Stepan Arruda Darmancef, 2023.

A área retomada pelos Guarani e Kaiowá está sendo ocupada por chácaras e empresas diversas e é cercada por condomínios de luxo. O estopim da retomada foi o fato de a empresa Corpal Incorporadora dar início à construção de um condomínio de luxo nessa área reivindicada pelos indígenas (Moncau, 2023), conforme a **Fotografia 1**. É nessa área reocupada que se verifica a interação entre ação política e espiritual no movimento de retomadas Guarani e Kaiowá.

Fotografia 1 – Construção do muro de condomínio de luxo em área reivindicada pelos Guarani e Kaiowá, em Dourados/MS.



Fonte: Cimi Regional Mato Grosso do Sul (2023).

Em trabalho de campo de visita à retomada de Nova Yvu Vera, foi possível dialogar com a liderança local e obter informações de como se deu o estabelecimento do grupo de indígenas na área (essa retomada foi efetivada em 8 de abril de 2023, pouco mais de 2 meses antes da data da visita):

O processo de retomada tem planejamento, igual exército. Nosso primeiro foco ao estar no local de retomada foi buscar mantimentos... água... Montar barracas... Então, quando nos estabelecemos aqui furamos o poço para ter água, fizemos a cozinha e o refeitório... Montamos também o altar, onde nós rezamos... (Liderança Guarani e Kaiowá da retomada Nova Yvu Vera, Dourados-MS. Trabalho de campo em 23 de junho de 2023).

Nota-se que o processo de implantação e estabelecimento da retomada Nova Yvu Vera segue os preceitos de práticas tradicionais expostas por Benites (2014). Ademais, após estabelecidos no território retomado o grupo de indígenas precisa passar a interagir com os entes que nele habitam, nutrindo os espíritos e guardiões com danças e

rezas. Assim, na retomada, a reza envolve todos os integrantes para afastarem os seres maléficos (**Fotografia 2**) – sejam próximos ao *Tekoha* estabelecido ou distante, como pode se ver no depoimento da liderança da retomada Nova Yvu Vera, apontando que a reza que se faz na retomada busca também atingir os ministros do Supremo Tribunal Federal a respeito da votação da tese do Marco Temporal:

A gente fala que com nossa reza nós seguramos Dourados... É a reza dos Guarani e Kaiowá que protege Dourados, das chuvas fortes, da seca... Quando a gente reza aqui no altar chega lá nos ministros do STF que vão votar no Marco Temporal... Esse é o poder da reza e porque a gente reza, a gente sabe que chega lá... (Liderança Guarani e Kaiowá da retomada Nova Yvu Vera, Dourados-MS. Trabalho de campo em 23 de junho de 2023).

Fotografia 2 – Altar sagrado Guarani e Kaiowá (*yvyra'i Marangatu*) na retomada Nova Yvu Vera, em Dourados/MS.



Fonte: Trabalho de campo, 2023.

Assim, a área retomada exerce representação para além do seu espaço físico - embora extremamente necessário para a reprodução física e cultural deste povo -, mas

também em seu aspecto simbólico. Quando os pesquisadores foram recebidos na retomada Nova Yvu Vera só foi possível entrar com a presença de uma rezadora que ao adentrar a área da retomada iniciou cantos e rezas para agradar os *jaras*, mostrando que o lugar é sagrado e tratado como tal pelos Guarani e Kaiowá. Enquanto os pesquisadores entravam na área, acompanhando a *nhandecy* em suas danças, os indígenas da retomada foram aos poucos se juntando ao grupo, à dança, aos cantos e rezas.

Os pesquisadores foram convidados pela liderança para sentarem-se em volta do altar sagrado que foi montado, iniciando um diálogo sobre a vida na retomada. Durante o período de visita à retomada escutando os relatos dos moradores, não se pode deixar de notar a vulnerabilidade que a área apresenta para ataques violentos por ser situada às margens do Anel Viário Norte (faixa de rodovia que interliga a MS-162 com a MS-156), com um fluxo intenso de veículos, bem como as outras margens sendo totalmente abertas para estradas vicinais a áreas de pasto de propriedades privadas.

Para além da vulnerabilidade ante ataques, a vulnerabilidade ao frio e insegurança alimentar é outra condicionante importante. Com barracos montados com restos de material de construção, muitos deles sem todas as paredes ou com tetos com goteiras (por falta de lonas), as lideranças apontam que além dos desafios dos fazendeiros e jagunços que vigiam e ameaçam a área, o frio do inverno do sul do Mato Grosso do Sul e a falta de alimentos são fatores que os deixam em alerta.

Contudo, nota-se durante o encontro que apesar das dificuldades os sentimentos presentes são de esperança e prontidão. Esperança de não serem desamparados pelos espíritos protetores da terra e prontidão para enfrentar os novos desafios que surgem no contexto da retomada. Nesse sentido é a espiritualidade e a cosmovisão tradicional que sustenta a luta, de modo que a situação no plano físico, por mais dificultosa que possa ser, sempre será favorecida pelos outros planos, no caso o espiritual.

Na retomada a nossa reza é escudo, proteção contra os perigos... Temos rezas próprias para as retomadas, e nós fazemos elas... É nossa proteção, pois sabemos os perigos... Rezamos para ninguém se ferir, ninguém levar tiro... proteger as crianças e idosos que vem na retomada... (Liderança

Guarani e Kaiowá da retomada Nova Yvu Vera, Dourados-MS. Trabalho de campo em 23 de junho de 2023).

Na retomada todas as ações precisam ser intermediadas com os *jaras*, protetores da terra. A liderança da retomada informou que algumas famílias já estavam preparando a terra para plantar suas roças, principalmente de mandioca, e que apesar da falta de chuvas estavam em contato constante com os *jaras* do local para que a terra pudesse ser cultivada. É diante de um plantio com respeito aos preceitos sagrados que os *jaras* e espíritos das plantas podem abençoar o cultivo. Neste enquadre se observa ainda a relação política com entes não-humanos no contexto da retomada, e que foi discutida como componente essencial da relação dos Guarani e Kaiowá com seus territórios a partir da exposição de Seraguza (2018).

Os princípios norteadores do modo ser e viver bem dos Guarani e Kaiowá, *teko porã* e *teko marangatu*, podem ser aplicados não só entre o grupo, mas também estendidos aos não-indígenas. Esses princípios norteadores reforçam o forte laço e a relação com o território bem como denotam a busca pelo bem-viver em práticas cotidianas não somente nas ações de retomadas, mas em condutas que se alinham aos preceitos de seu modo de ser e que visem o estabelecimento o mais rápido possível de suas formas de habitar o espaço.

A gente sabe que pra lá, toda aquela terra ali, até onde está aquela empresa é nossa terra... Mas a gente não quer tomar o que é do branco também... A gente sabe que o branco precisa, a gente quer retomar pra gente poder viver também... plantar... (Liderança Guarani e Kaiowá da retomada Nova Yvu Vera, Dourados-MS. Trabalho de campo em 23 de junho de 2023).

Outro ponto que expõe o trabalho político-espiritual para a recuperação dos territórios para além do ato de retomada em si pode ser visto na relação diplomática estabelecida pelo líder e pela rezadora com os pesquisadores, sempre argumentando em fa-

vor de sua luta e convidando os pesquisadores para participarem, seja através da produção científica, da exposição da luta e condições de vida observados na retomada nas redes sociais e entre os grupos de amigos, familiares e estudantes, ou na participação e envolvimento nas denúncias realizadas nas redes sociais. A liderança, em seu papel político-espiritual, também buscou articular com os pesquisadores ações de arrecadação de materiais e insumos necessários para a retomada.

Isso permite pensar que o caráter da retomada também se amplifica no sentido de sensibilizar, expor e denunciar ao não-indígena as consequências violentas que a perda de seus territórios acarreta para seus modos de vida. Nas margens da rodovia, a retomada Nova Yvu Vera, enquanto paisagem, também carrega os sentidos da violência colonial e a busca da sensibilização ou conscientização de não-indígenas para a realidade que ali se vive, de forma que os Guarani e Kaiowá utilizam de todos os meios possíveis para obter apoio em suas lutas, através de sua ação de caráter político-espiritual.

Assim, pode-se observar na retomada de Nova Yvu Vera as táticas espirituais, a conexão e busca de auxílio dos entes protetores dos territórios para que as ações sejam exitosas, bem como o caráter político-espiritual que estas áreas apresentam. Benites (2012; 2014) aponta que as táticas e roteiros de ações nas retomadas são os mesmos em todos os territórios desde o estabelecimento das primeiras assembleias que tratavam sobre as retomadas dos territórios na década de 1970. O autor aponta que a partir de tais táticas de luta os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul já recuperam mais de 20 dos seus territórios tradicionais.

Portanto, a recuperação do território é alcançada a partir do cruzamento entre aspectos políticos e espirituais de base tradicional e se estabelece como um forte processo de resistência e subversão diante do poder do capital representado pelo agronegócio e os empreendimentos capitalistas em Mato Grosso do Sul.

Considerações finais

O movimento das retomadas dos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul presente desde a década de 1970 exprime a estreita ligação entre os elementos de espiritualidade tradicional e as relações políticas e sociais do grupo. Desse modo, o movimento social das retomadas é perpassado pelo caráter espiritual Guarani e Kaiowá no seu fazer político, o que o torna diferenciado se comparado à política dos modernos, feita geralmente na esfera da ação institucional. Nesse contexto, a luta pela terra se reveste de um conteúdo ancorado num sistema cosmológico que atravessa as suas definições de território/*Tekoha*.

As retomadas Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul resistem há mais de 4 décadas na luta pela recuperação de seus territórios e apresentam na ligação com a espiritualidade e relação simbólica com a terra uma interessante potência de luta. Na retomada de Nova Yvu Vera em Dourados-MS, o estabelecimento do grupo indígena na área seguiu as táticas espirituais tradicionais definidas ainda na década de 1970 e que ainda guiam todas as ações de retomada deste grupo indígena. Amparados pela espiritualidade presente nas rezas e cantos, os indígenas na luta pela retomada da área usam de suas vozes, palavras e corporeidade como arma, fazendo entoar os cantos e danças sagradas para que demonstrem aos *jaras* que ali pode ser reestabelecido o modo de vida tradicional.

Por fim, destaca-se que não há dissociação da luta pela terra, ou mesmo da existência dos Guarani e Kaiowá, com a espiritualidade. Essa indissociação convida pesquisadores e estudiosos do tema para uma abertura em relação aos conceitos utilizados, que devem conter a flexibilidade necessária para abarcar a rica compreensão de mundo e entendimento deste povo. Exemplo disso é o conceito de território, que no uso dos Guarani e Kaiowá é composto de elementos não só funcionais, mas em sua grande maioria simbólicos, performativos, e que são constituídos não somente através das relações humanas, mas também a partir de elementos não-humanos.

Agradecimentos

Agradecemos à liderança Nestor Veron que nos recebeu na retomada de Nova Yvu Vera, e aos colegas Germano Alziro Kaiowá e Nailson Guarani, sem os quais não seriam possíveis as visitas às retomadas.

Referências

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, nº 1, pp. 9-32, 2004.
- ALZIRO, Germano Lima; MONFORT, Gislaine Carolina. Corpos-territórios em resistência nas retomadas Kaiowá e Guarani: insurgências ancestrais diante dos solos devastados pelo neoextrativismo. **Terra Livre**, v. 1, n. 56, pp. 580-620, 2021.
- BENITES, Tunico. Recuperação dos territórios tradicionais Guarani-Kaiowá: Crónica das táticas e estratégias. **Journal de la Société des américanistes**, v. 100. n. 2, pp. 229-240, 2014.
- BENITES, Tunico. Trajetória de luta árdua da articulação das lideranças Guarani e Kaiowá para recuperar os seus territórios tradicionais Tekoha Guasu. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 4, n. 2, pp. 165-174, jul.-dez. 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. O lugar da vida - Comunidade e Comunidade Tradicional. **Revista Campo-Território**, v. 9, n. 18, pp. 1-23, jun. 2014.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. O movimento indígena no Brasil. In: WITTMANN, Luisa Tom-bini (org.). **Ensino de história indígena**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, pp. 43-79.
- CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In: SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, pp. 09-16.
- COLMAN, Rosa Sebastian; PEREIRA, Levi Marques. Os Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul e suas incansáveis lutas pelos Tekoha frente às transformações territoriais,

ambientais e formas de mobilidade. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 14, n. 3, pp. 57-76, 2020.

CRESPE, Aline Castilho. **Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowá no município de Dourados-MS (1990-2009)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS, 2009.

CRUZ, Teresa Almeida. Os processos de lutas e resistências dos povos indígenas do Brasil. **Revista SURES**, v. [s/v], n. 9, pp. 145-163, fev. 2017.

DIEGUES; Antonio Carlos (org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: USP, 2000.

DOURADO, Maiara. Comunidade Guarani e Kaiowá do tekoha Avae'te é novamente atacada por pistoleiros. **Assessoria da Comunicação – Conselho Indigenista Missionário – CIMI**, 16 ago. 2023. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2023/08/comunidade-guarani-e-kaiowa-do-tekoha-avaete-e-novamente-atacada-por-pistoleiros/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

GOHN, Maria da Gloria. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores: Indígenas**. 2023. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=4>>. Acesso em: 05 set. 2023.

MARTÍRIO. Direção: Ernesto de Carvalho; Vicent Carelli. Produção de: Olivia Sabino. Brasil: **Papo Amarelo; Vídeo nas aldeias**, 2017. Cinema/online. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1131603413664469>. Acesso em: 06 jul. 2023.

MONCAU, Gabriela. Indígenas no MS retomam terra para frear condomínio de luxo: 10 são presos e casa é incendiada. **Brasil de Fato**, 12 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/04/12/indigenas-no-ms-retomam-terra-para-frear-condominio-de-luxo-10-sao-presos-e-casa-e-incendiada>>. Acesso em: 05 set. 2023.

MONDARDO, Marcos Leandro. O movimento Guarani e Kaiowá pela reapropriação social da natureza e as retomadas de Tekoha. **Revista NERA**, v. 23, n. 52, pp. 133-150, 2020.

- MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekohará. **Revista NERA**, v. 15, n. 21, pp. 114-134, jul.-dez. 2012.
- MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. Territórios de resistência e práticas descoloniais: estratégias de luta Guarani e Kaiowá pelo Tekoha - Mato Grosso do Sul/Brasil. **Campo Território: revista de Geografia Agrária**, v. 10, n. 20, pp. 416-439, jul. 2015.
- MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- PEREIRA, Levi Marques. O movimento étnico-social pela demarcação das terras Guarani em MS. **Tellus**, v. 3, n. 4, pp. 137-145, abr. 2003.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SERAGUZA, Lauriene. Em Tempos de Fins: “reservamento”, “retomadas” e múltiplas formas Kaiowá e Guarani de composição. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 5, n. 10, pp. 223-240, ago.-dez. 2018.
- SOUZA, José Gilberto; MIZUSAKI, Márcia Yukari. Retomadas (tekohará) no Mato Grosso do Sul e enfrentamento da lógica de financeirização do território. **Geosp**, v. 26, n. 1, pp. 1-23, abr. 2022.
- ZOTTI, Gabriela Barbosa Lima e Santos; ACÇOLINI, Grazielle. Xamanismo e resistência Guarani e Kaiowá: história e cosmopolítica em Laranjeita Ñanderu. **Tellus**, v. 19, n. 38, pp. 213-236, jan.-abr. 2019.

Roberto Chaparro é bacharel em Psicologia e mestrando bolsista da CAPES junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados/MS (PPGG-UFGD). **E-mail:** robertochaparro10@hotmail.com

João Edmilson Fabrini é doutor em Geografia e professor de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon/PR e da Universidade Federal da Grande Dourados/MS (UFGD). **Email:** joaofabrini@gmail.com

Artigo enviado em 08/09/2023 e aprovado em 09/11/2023.